

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza interpretativista. Utilizamos, para nossa análise, o discurso escrito dos PCNs e o discurso oral da escola, representado pela voz de um representante; dos alunos; das professoras e das famílias. Através da análise dessas vozes discursivas, procuramos examinar as percepções, interpretações e crenças desses informantes subjacentes ao ensino de gramática. Vale ressaltar que temos clareza que todo e qualquer enunciado está marcado por diferentes vozes. Assim, uma determinada voz está repleta de ecos e lembranças de outras vozes. Ao analisarmos as diferentes vozes que compõem o discurso pedagógico relacionado ao ensino de gramática, não estamos negando a polifonia da linguagem. Tal discurso foi dividido em diferentes vozes para efeito de análise. Além disso, consideramos cada voz separadamente, porque, sustentados pela teoria bakhtiniana, acreditamos que, embora a voz de cada sujeito falante seja impregnada de outras vozes, pode-se afirmar que este tem uma voz própria, uma vez que, ao incorporá-las em seu discurso, o falante repassa para estas vozes toda sua expressividade (cf. Bakhtin, 2000:13).

Busca-se investigar o discurso polifônico das vozes discursivas acima especificadas, observando de que maneira estas vozes compartilham o mesmo universo discursivo em relação ao processo ensino-aprendizagem de gramática, ou seja, pretendemos compreender a maneira pela qual o discurso dessas vozes são constituídos, se refletem ou não o discurso de uma outra voz envolvida, a fim de perceber em que momentos elas ecoam simultaneamente. Espera-se também investigar a real situação do ensino de gramática após as contribuições da Lingüística e da Lingüística Aplicada e, para isso, focamos nosso estudo nos processos interpretativos dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem da gramática.

A seguir, passo a detalhar a experiência da pesquisa etnográfica, descrever os contextos institucionais selecionados para o desenvolvimento da pesquisa e apresentar o *corpus* do dados.

5.1. EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Nesta subseção contemplarei: a) a inserção da pesquisadora nas escolas; b) o tempo da pesquisa; c) a observação participante e a interpretação da presença da pesquisadora pelas instituições.

5.1.1.

A INSERÇÃO DA PESQUISADORA NAS ESCOLAS

A escolha da comunidade na qual será realizada a pesquisa de campo é o procedimento inicial de todo e qualquer pesquisador. Para a presente pesquisa, selecionei duas instituições de ensino: uma escola particular, de renome, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, a qual denominaremos de Colégio Eldorado; e uma escola municipal situada em um condomínio de um bairro nobre na zona oeste da cidade, que chamaremos de Escola Municipal Guilherme de Almeida.

- A escola municipal

Primeiramente contactei, por telefone, o diretor da Escola Municipal Guilherme de Almeida. Em virtude de estar ciente de um acordo firmado entre a PUC e as escolas municipais, afirmou que eu poderia ir diretamente à escola conversar com ele, portando uma carta de encaminhamento da PUC àquela instituição.

Após a apresentação da minha proposta de trabalho ao diretor, pude começar a contactar as professoras já na semana seguinte. O diretor não fez nenhuma objeção quanto à metodologia – entrevistas gravadas e aplicação de questionários para alunos e professoras, observação e gravação das aulas em áudio - a ser utilizada na coleta de dados e me indicou nomes de professoras, cujo horário de aulas se adequavam ao meu tempo disponível para a pesquisa. Fiquei de voltar na semana seguinte e pediu para procurá-lo, a fim de que ele me apresentasse às professoras. Disse que na sua ausência eu poderia procurar a coordenadora ou a vice diretora.

Ficou a cargo da vice-diretora apresentar-me às professoras. Neste dia, pude explicar-lhes a natureza do meu estudo. Ainda nesta mesma ocasião, marquei com elas o meu primeiro dia de pesquisa em suas salas de aula.

- A escola particular

A escolha do Colégio Eldorado deveu-se à notoriedade da escola no Rio de Janeiro, bem como ao trabalho diferenciado que o colégio realiza na área de língua portuguesa. Entrei em contato com a diretora adjunta do colégio, o que foi facilitado através de um contato prévio da minha orientadora. Depois de várias tentativas, consegui agendar uma reunião com a senhora Marta, diretora adjunta do Colégio Eldorado.

Nesta reunião, expus minha proposta de trabalho. Naquele momento, fiquei sabendo que a escola nunca havia recebido um pesquisador anteriormente, apenas estagiários da

graduação. Apesar disso, a receptividade quanto à pesquisa foi imediata, com algumas ressalvas:

- não freqüentar a sala dos professores;
- não me atrasar às aulas e nem sair antes do término das mesmas;
- marcar uma reunião com a coordenadora da área de português, antes de começar a observar as aulas;
- gravação de entrevistas e aulas apenas em áudio.

Assim, como na escola municipal, não houve, neste primeiro momento, restrições quanto aos procedimentos metodológicos a serem adotados - entrevistas gravadas e aplicação de questionários para alunos e professoras, observação e gravação das aulas em áudio.

Ao conversarmos sobre minha disponibilidade de horário para a realização da pesquisa, a diretora adjunta indicou-me as professoras cujos horários se adequavam ao meu. Ela ficou de agendar para mim a reunião com a coordenadora da área de português. A reunião com a coordenadora da área foi bastante proveitosa, pois ela falou de toda a trajetória do ensino de gramática na escola.

Feito isso, contactei novamente a diretora adjunta, a qual me autorizou a iniciar a coleta de dados. Esta pediu que eu procurasse a coordenadora geral, a fim de que ela me apresentasse às professoras mas, infelizmente, não tive oportunidade de conversar com elas sobre a minha pesquisa antes do início da assistência às aulas.

O processo de negociação para pesquisa em sala de aula alheia é penoso para o pesquisador, exigindo deste muita perseverança e tranqüilidade, uma vez que toda a condução do seu trabalho depende da colaboração do professor, que nem sempre dispõe de tempo para aprofundar-se sobre a pesquisa ali desenvolvida. Este processo não termina quando o professor consegue se inserir na sala de aula pois é, neste espaço, que as negociações se tornam mais freqüentes.

5.1.2.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E A INTERPRETAÇÃO DA PRESENÇA DA PESQUISADORA PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Todo pesquisador deve ter clareza de que sua presença causa alguma influência no professor e na instituição como um todo. É difícil ainda mudar a idéia pré-concebida de que o pesquisador é um “teórico” que está ali para apontar falhas e tecer críticas sobre o professor e sua prática pedagógica.

Embora eu tenha, desde o início, frisado com os diretores que minha intenção não seria essa, precisei, de última hora, desistir de alguns procedimentos metodológicos já negociados anteriormente com a direção da escola.

No meu primeiro contato face a face com a diretora adjunta do Colégio Eldorado, havíamos concordado quanto à metodologia de coleta de dados a ser adotada. Ela permitiu que as gravações de aula fossem feitas apenas em áudio, afirmando que a escola preferia não expor os alunos em vídeo.

Conversei com duas das três professoras informantes do colégio sobre a gravação de aula e ficamos de agendar uma data logo após as provas. Nesse ínterim, a orientadora do colégio me procurou, afirmando que o colegiado não permitia nenhum tipo de gravação de aula. Eu, então lhe informei que as gravações de aula haviam sido autorizadas pela sra. Marta, diretora adjunta. A orientadora educacional me respondeu que esta provavelmente havia me dado uma opinião pessoal que não estava em harmonia com o posicionamento do colegiado quanto à gravação de aulas.

Apesar das alterações, continuei coletando os dados através de procedimentos autorizados por esta instituição. Eu fizera questão de esclarecer logo na primeira reunião com a diretora adjunta todo o desenvolvimento do meu trabalho, inclusive os procedimentos metodológicos adotados, visando não ter problemas, entretanto, tive que restringi-los à gravação de entrevistas e aplicação de questionários com alunos e professoras.

Momentos como este exigem muita tranquilidade e certa frieza por parte do pesquisador em lidar com obstáculos tão inesperados. Naquela ocasião, eu já não poderia procurar outra escola, uma vez que eu já havia coletado uma quantidade razoável de dados, embora isto não dispensasse as gravações de aula. Além disso, já estávamos em outubro e começar a negociar minha inserção em outra escola seria inviável.

Reavaliando a situação, acredito que teria sido importante também negociar os procedimentos metodológicos com as professoras e esclarecer-lhes toda e qualquer dúvida sobre a presença da pesquisadora em sala de aula, bem como a natureza da pesquisa. Eu não tive esta oportunidade, pois apenas negocieei minha inserção na escola com a diretora adjunta. Penso que deveria ter sido realizada uma reunião com as professoras, uma vez que a presença de uma pesquisadora em suas salas de aula era uma experiência inédita para elas e pode ter assustado-as, contribuindo para o fato de não terem sido favoráveis à gravação em áudio.

Pude perceber que, nos momentos finais de minha permanência no colégio, elas haviam compreendido a seriedade da minha pesquisa, cujo objetivo se distanciava do ‘apontar

falhas e do julgar práticas’. Uma professora do Colégio Eldorado, desde o início, compreendeu minha proposta de trabalho, deixando-me sempre bem à vontade para a execução do mesmo. Por isso, nesta sala, mais do que nas outras, tive a oportunidade de trocar informações com essa professora, o que muito lhe agradou, chegando a elogiar o meu trabalho para a direção da escola.

A presença de um pesquisador também representou uma experiência nova para as professoras da escola municipal. Elas me falavam de suas ansiedades, dúvidas quanto ao ensino de língua portuguesa sem medo. No início, justificavam suas práticas, a indisciplina dos alunos sempre que podiam mas, como tínhamos oportunidades – e elas próprias criavam estas oportunidades – de trocar idéias, elas logo perceberam que o meu papel na escola não era o de julgar ninguém. Eu me esforcei ao máximo para tentar amenizar a aridez da relação pesquisador- informante. A preocupação delas era que a pesquisa exaltasse ainda mais as deficiências da escola pública. Elas me pediram sugestões de livros que refletissem o ensino de língua materna e, em outros momentos, senti-me bem à vontade para lhes repassar algumas atividades que eu julgava serem interessantes. Elas diziam que contribuições nunca eram demais. Quando informei a elas que eu necessitaria aplicar questionários para os alunos entrevistados, elas preferiram me ceder os dois tempos de aula para que eu pudesse aplicá-lo para todos os alunos. A professora da 5ª e da 7ª série me pediu as cópias dos questionários dos alunos para que ela pudesse conhecer um pouco mais a visão dos seus alunos quanto ao ensino da língua portuguesa. Atendi prontamente o seu pedido, pois era uma forma de eu lhe demonstrar que meu trabalho seria bastante transparente. Quando eu procurei esta professora para marcar a data da gravação da aula, ela, a princípio, recusou-se, justificando que não gostaria que os palavrões e os comentários inconvenientes que os alunos falavam saíssem da sala de aula. Afirmei a ela que estes não fariam parte da pesquisa, pois não era este o foco do meu estudo. Comprometi-me a mostrar-lhe a transcrição da aula e eu só consideraria como dado a ser analisado aquilo que ela me autorizasse. Marcamos então o dia da gravação da aula. A aula foi marcada para o dia 23/11/2001 e foi a única aula que eu consegui gravar.

A professora da 8ª série, com quem iniciei a pesquisa, desistiu de participar da pesquisa já em andamento. Dessa série, eu consegui apenas entrevistar os alunos e aplicar questionários para eles e para a professora. Não me foi possível entrevistá-la, nem tampouco gravar sua aula.

Uma professora de 6ª série se dispôs a participar da pesquisa, tendo em vista a desistência da professora da 8ª série. Na sua sala, entrevistei os alunos e professora e apliquei questionários. A professora permitiu que suas aulas fossem gravadas mas, nessa altura da

pesquisa, eu já havia desistido da gravação de aulas e decidido basear minha análise apenas nas entrevistas.

Todas as atividades desenvolvidas na escola municipal foram negociadas diretamente com as professoras, as quais vêem nesta pesquisa uma oportunidade de refletir sobre o atual ensino de gramática, bem como de encontrar respostas às suas dúvidas referentes a este ensino.

5.2. O CORPUS DE DADOS

O *corpus* da presente dissertação de Mestrado constitui-se de dados coletados a partir de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas gravadas, questionários, notas de campo, e exercícios de gramática realizados em sala e das orientações para o ensino de língua no 2º ciclo do ensino fundamental dos Parâmetros Curriculares Nacionais. As entrevistas e os PCNs constituem-se no principal instrumento de análise, os demais materiais dão apenas um suporte à interpretação dos dados.

Os dados foram coletados em duas escolas situadas na cidade do Rio de Janeiro, sendo uma municipal e outra particular (cf. maiores detalhes das escolas no item 5.3.1).

Foram dedicados seis meses à coleta de dados – desde o primeiro contato com o diretor da escola municipal – agosto de 2001 até fevereiro de 2002.

A coleta de dados na escola particular encerrou-se no início de dezembro de 2001, mais rápido que a escola municipal, porque não foi autorizada a gravação das aulas das professoras (ver 5.1.2) e não pude continuar no ano seguinte, porque como a escola recebe também estagiárias, a direção considera problemática a presença de muitas pessoas dentro de sala.

A presente pesquisa é de natureza interpretativista, cujo *corpus* é formado de:

- dados do discurso oral:

- 2 entrevistas com as representantes das escolas sendo que, no colégio particular, foi entrevistada a coordenadora da área de língua portuguesa e, na escola municipal, a vice-diretora;
- 5 entrevistas com cinco professoras informantes - professoras da 5ª, 6ª e 7ª, 8ª da escola particular; professoras da 5ª e 7ª, 6ª da escola municipal ¹;
- 38 entrevistas com alunos de 5ª a 8ª série das duas instituições de ensino.

- dados do discurso escrito:

- 6 questionários de seis professoras informantes – professoras da 5ª, 6ª e 7ª, 8ª da escola particular; professoras da 5ª e 7ª, 6ª, 8ª da escola municipal²;
- 128 questionários respondidos por alunos de 5ª a 8ª série de ambas as escolas;
- notas de campo da pesquisadora;
- exercícios de gramática feitos pelos alunos em sala;
- Parâmetros Curriculares Nacionais – Introdução e Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries).

A priori, havia ficado estabelecido que a pesquisadora entrevistaria três alunos de cada série, de ambas as escolas, e em um outro momento, seria aplicado um questionário para estes alunos. Ficaria a cargo da professora de cada série indicá-los de acordo com o nível de motivação: um aluno mais motivado, um aluno de motivação intermediária e um aluno com pouca motivação. Na prática, tal planejamento sofreu algumas alterações. A primeira delas é que, em determinadas séries, o interesse dos alunos em participar da pesquisa foi tamanho que acabaram sendo entrevistados bem mais que três alunos. Outra modificação diz respeito à aplicação dos questionários. A professora da 5ª e 7ª série e a professora da 8ª série da escola municipal me cederam os dois tempos de suas aulas para que eu pudesse aplicar o questionário a todos os alunos. Consequentemente, o número previsto de 24 questionários se estendeu para 128.

Na escola particular, foram entrevistados 16 alunos no total, sendo 3 alunos da 8ª série, 3 alunos da 7ª série, 3 alunos da 6ª série, cada um apresentando um nível de motivação; e 7 alunos da 5ª série, sendo 3 alunos altamente motivados, 2 alunos pouco motivados e 2 alunos com motivação mediana.

Na escola municipal, entrevistei 22 alunos, sendo 6 alunos de 8ª, 5 alunos de 7ª, 4 alunos de 6ª e 7 alunos de 5ª. Na 8ª série, foram entrevistados 3 alunos bem motivados, 2 alunos pouco motivados e um aluno com motivação intermediária; na 7ª série, 1 aluno motivado, 2 alunos pouco motivados e 2 alunos com motivação mediana; na 6ª série, 1 aluno com alta motivação, 2 alunos com média motivação e 1 aluno com baixa motivação; na 5ª

1. Na escola particular, as três professoras que responderam os questionários participaram das entrevistas. Já na escola municipal, foram entrevistadas apenas a professora de 5ª e 7ª série e a professora de 6ª série, uma vez que a professora da 8ª série desistiu de participar da pesquisa.

2. Na escola particular, 3 professoras responderam o questionário da pesquisa: 1 professora de 5ª, 1 professora de 6ª e 7ª e 1 professora de 8ª. Na escola municipal, assim como na escola particular, 3 professoras responderam o questionário: 1 professora de 5ª e 7ª, 1 professora de 6ª e 1 professora de 8ª.

série, 4 alunos bem motivados, 1 aluno pouco motivado e 2 alunos com motivação intermediária.

Dos 38 alunos entrevistados nas duas escolas, 15 apresentavam alta motivação; 12, média motivação e 11, baixa motivação, de acordo com a classificação e seleção das professoras.

Os dados gravados em fita cassete foram transcritos seguindo as orientações da Análise do Discurso e da Análise da Conversação com base no modelo da revista **Research on Language and Social Interaction**³.

É válido salientar que a pesquisa baseou-se nos dados do discurso oral dos participantes e no discurso escrito dos PCNs. Os demais exemplares do discurso escrito foram utilizados para dar suporte às nossas declarações.

As figuras 2 e 3, abaixo, mostram a composição do corpus e a distribuição dos alunos de acordo com seu nível de motivação, respectivamente.

Discurso oral		Discurso escrito	
Escola particular	Escola municipal	Escola particular	Escola municipal
entrevista com a coordenadora: 1	entrevista com a vice-diretora: 1	questionários de professoras: 3	questionários de professoras: 3
entrevistas com professoras: 3	entrevistas com professoras: 2	questionários de alunos: 12	questionários de alunos: 116
entrevistas com alunos: 16	entrevistas com alunos: 22	notas de campo	
		PCNs	

Figura 2: Demonstrativo do corpus de dados da pesquisa

Nível de motivação	Escola particular				Escola municipal			
	Série				Série			
	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a
Alta	3	1	1	1	4	1	1	3
Média	2	1	1	1	2	2	2	1
Baixa	2	1	1	1	1	1	2	2

Figura 3: Distribuição dos alunos por série e nível de motivação

3. *Research on Language and Social Interaction*, v. 1, n.33, 2000.

5.3.

CONTEXTO DE PESQUISA

Os dados do discurso oral foram coletados, por meio de entrevistas, em duas escolas da cidade do Rio de Janeiro, uma particular e outra municipal.

5.3.1.

As escolas

O Colégio Eldorado, com 45 anos de funcionamento e com pouco mais de 1300 alunos, situa-se na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os alunos, de classe média alta, residem em bairros nobres da cidade, tais como Gávea, São Conrado e Barra da Tijuca.

Durante o turno matutino, funcionam a Educação Infantil, o 2º Ciclo do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No turno vespertino, a Educação Infantil e o 1º Ciclo do Ensino Fundamental.

A Escola Municipal Guilherme de Almeida fica situada dentro de um condomínio de classe média na Barra da Tijuca. Cerca de 40% dos alunos são moradores do condomínio – número que aumentou consideravelmente nos últimos 2 anos – os demais moram em favelas-bairro tais como Terreirão e Beira Rio, localizadas na zona oeste da cidade. Muitos alunos são filhos de caseiros, porteiros e empregadas domésticas que trabalham no condomínio ou em condomínios próximos.

A escola tem 18 anos de funcionamento e trabalha apenas com o 2º Ciclo do Ensino Fundamental.

Segundo a vice-diretora, o índice de evasão escolar tem aumentado a cada ano devido a dois fatores primordiais: trabalho e gravidez. Os alunos mais carentes trabalham em farmácias, padarias, mercados, a fim de ajudar nas despesas da casa. Outros fazem biscoitos no horário de aula, por exemplo, como boleiro em um clube de golfe nas proximidades da escola para comprar aquilo que a família não lhes pode dar. Tais atividades fazem com que os alunos falem às aulas ou durmam na sala.

5.3.2.

Os participantes

No Colégio Eldorado, participaram da pesquisa: Mariza⁴, coordenadora da área de língua portuguesa; Marina, professora da 5ª série; Rosana, professora de 6ª e 7ª série e Iolanda, professora de 8ª série, alunos de 5ª a 8ª série, uma mãe de aluna.

Todas as professoras participantes da pesquisa são formadas em Letras pela PUC-Rio: Marina graduou-se em Português-Literaturas em 1974; Rosana, em Português-Inglês em 1977 e Iolanda, em Português-Literaturas em 1979. Apenas Rosana, a professora da 6^a e 7^a série, fez um curso de especialização em tradução, as demais fizeram apenas o curso de graduação. Marina dá aula de língua portuguesa há 26 anos e trabalha há 25 anos no Colégio Eldorado. No turno vespertino, Marina dedica-se ao seu curso de acompanhamento escolar, onde trabalha com a língua portuguesa. Rosana vem lecionando português já há 24 anos, durante os quais tem trabalhado no Eldorado. A professora Iolanda tem 22 anos de experiência com o ensino de língua portuguesa e trabalha no Eldorado apenas há 2 anos. Iolanda dá aulas de português em outra escola de renome da cidade do Rio de Janeiro⁵.

As professoras têm uma reunião quinzenal obrigatória para estudo e para integração das áreas de ensino e das diferentes séries, embora elas enfatizem a necessidade de mais tempo para se reunirem com as demais professoras da área de língua portuguesa.

Os alunos pesquisados estudam no turno matutino e são adolescentes de classe alta e média alta, cuja idade varia de 12 a 16 anos. Eles têm um nível de leitura muito bom, em decorrência de a escola valorizar a prática de leitura de textos e de diferentes gêneros discursivos. Enquanto eles realizam alguma atividade, as professoras verificam a realização da tarefa de casa. A maioria dos alunos faz a tarefa de casa e sua correção é feita em sala, mediante a participação de todos os alunos, que é incentivada pelas professoras. As atividades de leitura são realizadas em grupo, e o que podemos notar é que os alunos demonstram boa disciplina para a realização de tarefas em grupo. Na 5^a série, a professora Marina utiliza uma metodologia muito interessante. Nas aulas em que ela não iniciará um novo conteúdo, ela escreve no quadro as atividades a serem feitas pelos alunos naquela aula. Eles podem se reunir em grupo ou permanecer sozinhos em sua carteira durante a realização destas atividades, podem também ir ao banheiro ou beber água quando quiserem. Contudo, no final da aula, as atividades devem estar prontas. O que pude observar foi um bom clima de trabalho, onde todos se mostravam comprometidos com a realização de suas atividades.

A mãe, cujo discurso representa a voz da família da escola particular, é mestranda na área de Letras, graduada em pedagogia e dá aulas de inglês em um curso particular da cidade do Rio de Janeiro.

4. Os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios.

5. Os dados referentes à formação profissional das professoras foram obtidos por meio de questionários.

Participaram da pesquisa na Escola Municipal Guilherme de Almeida: Augusta, vice-diretora; Rita, professora de 5ª e 7ª série; Andréia, professora de 6ª série; Sônia, professora de 8ª série, alunos de 5ª a 8ª série e uma mãe de aluno. A professora da 8ª série desistiu de participar da pesquisa antes do término da mesma⁶. Assim, não pude entrevistá-la. Desta série, pude aproveitar apenas as entrevistas e os questionários dos alunos, as notas de campo, os exercícios de gramática e o questionário respondido pela professora.

As professoras informantes são formadas em Letras: Rita graduou-se em 1986 na UFRJ; Andréia, em 1978 na UFF e Sônia, em 1981 na PUC-Rio e em Serviço Social em 1988 também na PUC-Rio. Rita é formada em Português-Literaturas e trabalha há 14 anos com o ensino da língua portuguesa. Andréia graduou-se em Português-Francês, fez pós-graduação em psicopedagogia na CEPERJ e leciona português há 23 anos. Sônia não especificou no questionário seu tempo de experiência com a língua portuguesa.

A qualificação dos professores fica na dependência da 7ª CRE ou da iniciativa do próprio professor. De acordo com a vice-diretora, este órgão oferece poucas vagas para cada escola quanto aos cursos de capacitação que oferece, assim poucos professores de cada unidade são contemplados. Segundo as professoras, não são organizadas reuniões de professores em que estes possam trabalhar em equipe. O que se pode perceber é que cada um trabalha isoladamente, conforme suas próprias concepções.

Os alunos pesquisados estudam na escola no turno matutino e, muitos deles, dividem as atividades escolares com o trabalho, motivo pelo qual alguns desistem de estudar, outros, dormem em sala de aula devido ao cansaço físico. A idade dos alunos informantes varia de 12 a 17 anos, são adolescentes de classe média baixa a baixa. Assim como na escola particular, há aqueles que se interessam pelas atividades e aqueles que se mostram desatentos e desinteressados. Os alunos têm aula de leitura com uma professora que não é a professora da série. Nas salas de 5ª, 7ª e 8ª série, pude observar uma valorização das atividades com a gramática normativa em detrimento das atividades de leitura e de produção de textos. Durante a coleta de dados, não observei trabalhos em grupo. Segundo a professora Rita, ela evita atividades em grupo por causa da indisciplina dos alunos.

A mãe participante da pesquisa é diarista e cursou apenas as séries iniciais do 1º ciclo do ensino fundamental.

Como pesquisadora e voz presente nesta pesquisa, faço agora minha apresentação. Sou natural de Goiânia (Goiás) e vivo na cidade do Rio de Janeiro desde julho de 2000. Sou formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás e em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Católica de Goiás. Trabalhei durante 10 anos com Educação Infantil e, nos

últimos anos, tenho me dedicado ao ensino de língua portuguesa como professora particular. Como bolsista da CAPES, venho me dedicando, nestes 2 anos, exclusivamente ao Mestrado, o que tem me dado oportunidades para participar de eventos ligados aos estudos da linguagem no Rio e fora do estado, e de publicar alguns trabalhos relacionados com o tema desta pesquisa.

5.4. Procedimentos de análise

O presente estudo focaliza as vozes discursivas envolvidas no ensino de gramática da língua portuguesa, a fim de investigar as ressonâncias dialógicas que elas apresentam, bem como as concepções de língua, de gramática e de ensino de língua refletidas em cada discurso aqui analisado. Meu objetivo, no decorrer da pesquisa, é criar uma teia de vozes representativa do discurso pedagógico.

A análise está estruturada em torno de cinco temas abrangentes: ensino de gramática, finalidades do ensino de gramática, conteúdos, modos de ensinar e aprender, e variedades lingüísticas. Estes cinco temas foram escolhidos a partir da leitura criteriosa das entrevistas dos sujeitos participantes da pesquisa, nas quais tais temas apareceram de maneira recorrente e significativa.

A análise do discurso pedagógico que compõe o *corpus* seguiu os seguintes passos:

1. Identificação das vozes discursivas que dialogam em contexto escolar;
2. Identificação de tópicos recorrentes trazidos pelas diferentes vozes, de forma a determinar os temas referentes ao ensino de gramática;⁶
3. Identificação e análise da polifonia discursiva através da seleção de fragmentos discursivos das diferentes vozes;
4. Descrição das “teias” discursivas sobre cada tema através da identificação das interrelações dialógicas dos enunciados;
5. Identificação e discussão de conteúdos ideológicos com base na intertextualidade discursiva, ou seja, através da relação criada entre os discursos dos fragmentos e o discurso de outros textos sobre ensino de gramática.

6. Os temas afloraram das entrevistas e foram identificadas no momento de análise dos dados. Embora as entrevistas tenham sido semi-estruturadas, os temas não foram pré-determinados pela pesquisadora.

Além do embasamento teórico a partir de conceitos de Bakhtin (polifonia, dialogismo, intertextualidade, interação), outros conceitos foram utilizados para a análise e discussão do discurso pedagógico selecionado como *corpus* da pesquisa:

- Construção de conhecimento ritualístico ou de princípio (Edwards e Mercer, 1993);
- Letramento (Kern, 2000; Johns, 1997; Scliar-Cabral, 1998);
- Competências (Perrenoud, 1999; Travaglia, 2001);
- Gramática tradicional (Suassuna, 2002; Perini, 2000);
- Prática gramaticalista (Possenti, 1996; Geraldi, 2002; Bagno, 2002; Bechara, 2000; Antunes, 2002);
- Interação na sala de aula (Vygotsky, 2000);
- Motivação para a aprendizagem (Bruner, 1978);

A análise investiga:

- a voz da escola, por meio de seus representantes. Na escola particular, a voz da coordenadora da área de língua portuguesa Mariza representa a voz da instituição, já na escola municipal, a voz institucional é representada pela voz da vice-diretora Augusta;
- as vozes das professoras. Na escola particular, o discurso das professoras é representado pelas vozes das professoras Marina (5ª série), Rosana (6ª e 7ª séries) e Iolanda (8ª série). Na escola municipal, este discurso é representado pelas vozes das professoras Rita (5ª e 7ª séries) e Andréia (6ª série);
- as vozes de alunos de 5ª a 8ª séries, classificados de acordo com o seu nível de motivação;
- as vozes de duas mães de alunos, representando as famílias;
- a voz dos PCNs, representando o sistema educacional.